

PROFANIA: FETICHE E SADOMASOQUISMO NOS LIMITES DO PRAZER.

David Francisco de Amorim

Centro Universitário do Vale do Ipojuca – UNIFAVIP DeVry. E-mail: amorim.david21@outlook.com

Resumo

Falar em sexualidade ainda gera polêmica na sociedade. As pessoas ainda estão enquadradas em conceitos antigos onde o sexo era permitido apenas para fins de reprodução e continuidade da espécie humana, logo quando citamos a palavra “sadomasoquismo” acaba gerando um desconforto ainda maior, pois tais práticas estão ligadas diretamente a comportamentos tidos como “doentios” e que merecem um tratamento e “cura”. O presente trabalho é um relato de experiência de uma grande reportagem produzida com um grupo de praticantes de BDSM da cidade de Fortaleza/CE. Nosso objetivo principal foi o de tentar desmistificar as práticas sadomasoquistas a partir de relatos dos integrantes do grupo BDSM Ceará. Foram feitas entrevistas, e dentre estas retiramos quatro relatos – ao quais achamos mais relevantes para o trabalho, além disso, foi feito também uma crítica ao filme 50 Tons de Cinza, que na época estava sendo bastante divulgado causando uma espetacularização das práticas BDSM na mídia tradicional. O final deste trabalho nos permitiu conhecer mais sobre as práticas BDSM e fez com que pudéssemos desmistificar elas.

Palavras-chave: Sexualidade, Sadomasoquismo, Relato de experiência, Grande reportagem.

Introdução

Temas que envolvem sexualidade sempre foram considerados tabus na sociedade e universidade. As pessoas ainda sentem certo receio para falar sobre, podemos afirmar nesse sentido que esse receio se dá a partir do momento em que somos (ou pelo menos deveríamos ser) educados desde cedo, a saber, que o sexo deve ser praticado apenas por casais adultos/heterossexuais para fins reprodutivos de continuidade da espécie humana. Logo qualquer coisa que transgrida essa norma deve ser excluída do convívio social.

Esse conceito nasceu durante a idade média a partir de preceitos cristãos, as pessoas que não respeitavam essas normas eram duramente perseguidas e até torturadas, aqui podemos citar como grande exemplo a população LGBT.

Então quando partimos para falar sobre sadomasoquismo a polêmica e desconforto é ainda maior. As pessoas fazem logo uma comparação com os romances do Marquês de Sade e acabam associando essas práticas com perversões sexuais que devem ser tratadas e curadas – logo o sadomasoquista é muitas vezes associado a maníacos e psicopatas que ferem outras pessoas.

É nesse sentido em que nasceu a ideia de escrever uma grande reportagem sobre sadomasoquismo. Durante o período de dezembro de 2014 até fevereiro de 2016 participei de grupos (principalmente nas redes sociais como *WhatsApp* e *Facebook*) destinados ao público BDSM (bondage e disciplina, dominação e submissão, sadismo e masoquismo ou sadomasoquismo)

com a finalidade de aprender mais sobre o tema e tentar compreender o porquê das pessoas o associarem a práticas perversas e doentias.

Vai ser no semestre letivo de 2016.1 em que pude ter a oportunidade de desenvolver um trabalho sobre a temática. Durante a disciplina Mídia e Responsabilidade Social, ofertada no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, sob a orientação da professora Kywza Fideles pude desenvolver uma grande reportagem sobre o tema, intitulada “Profania: o fetiche e o sadomasoquismo como forma de libertação e prazer”. Tivemos como objetivo principal desmistificar as práticas sado-fetichistas a partir das falas dos integrantes do grupo BDSM Ceará.

Metodologia

O método de pesquisa que utilizamos em primeiro momento para este trabalho foi o da pesquisa bibliográfica, onde procuramos a partir de plataformas como a Scielo encontrar trabalhos acadêmicos que fossem resultados de trabalhos sobre sadomasoquismo, além disso buscamos também embasamento em alguns livros que discutem a questão de sexualidade do indivíduo; tal pesquisa foi de extrema importância em primeiro momento para que possamos compreender melhor os grupos sociais aos quais pretendemos estudar.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas [...] (GIL, 2009, p. 44)

Além disso, esta pesquisa se enquadra também no método exploratório e descritivo, pois buscamos a partir do contato com praticantes de BDSM da cidade de Fortaleza/CE explorar o mundo do sadomasoquismo com a finalidade de descrever seus costumes e explicar melhor assuntos que ainda são vistos de forma negativa na sociedade, logo percebemos que esse tipo de pesquisa é importante pois nos permite mostrar determinados grupos sociais de forma diferenciada do que ele é visto na sociedade.

Essas pesquisas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo, é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente (GIL, 2009, p. 42)

Como dito antes, tivemos como fonte principal os participantes do grupo do WhatsApp BDSM CE, onde foram aplicadas uma série de questionários aos participantes tanto dentro do grupo para debate como no privado de cada um para uma melhor compreensão e também para podermos fazer uma análise das repostas obtidas em grupo e individualmente, resultando assim em cinco

reportagens divididas em blocos, onde foram entrevistados/as três dominadores – sendo dois héteros e um homossexual e uma submissa; um dos textos foi uma análise crítica ao filme 50 tons de cinza.

Sendo assim, esta pesquisa foi de caráter qualitativo, visto que buscamos ao longo do trabalho tentar entender e explicar as várias formas de se vivenciar as práticas sadomasoquistas em uma relação ou em grupo.

Resultados

BDSM como já falamos, engloba uma série de fetiches e práticas sexuais que vão além daquelas em que as pessoas estão acostumadas a fazer com seus parceiros. Por ser um acrônimo ele envolve várias palavras com significados distintos, sendo as principais B e D para *Bondage* e Disciplina – em que a primeira designa o fetiche ou técnica de imobilização onde um dos parceiros utiliza de várias formas/objetos para prender o seu parceiro – tendo como as mais comuns o uso de cordas, algemas, correntes ou qualquer material quer imobilize, tudo isso tem como finalidade o controle e também o orgasmo visto que quando essa técnica é utilizada para prender certas partes do corpo, o submisso/a sente desconforto e com isso vem o prazer pois essas áreas que estão amarradas geralmente são zonas erógenas do corpo pouco conhecidas, o segundo como o nome já diz é a disciplina, nesse meio serão colocadas em prática as diversas formas em que um dos parceiros vai utilizar para disciplinar seu submisso. Em segundo momento temos o par D e S para Dominação e Submissão, que significa as relações em que os parceiros mantêm dentro das práticas, é interessante colocar como ponto nessas relações que não há uma regra em que dite o sexo do dominador ou submisso – podendo assim termos tanto dominadores como dominadoras e também submissos e submissas, outra questão interessante aqui é a orientação sexual destes parceiros, sendo que um dominador hetero pode dominar outro homem sem necessariamente ter uma relação afetivo sexual com este. Por fim temos o par S e M para Sadismo e Masoquismo ou Sadomasoquismo; que são as práticas em que o prazer/gozo final se alcança a partir do estímulo da dor consensual – onde temos o sádico que sente prazer em infligir dor e o masoquista que sente prazer em sentir esta dor, ou ainda o sadomasoquista que sente prazer em ambas às coisas, tanto em sentir como em causar dor.

É de extrema importância colocar aqui que o BDSM está englobado na sigla SSC, que significa São, Seguro e Consensual. Isso já o diferencia das práticas doentias, pois para se ter uma relação sadomasoquista ou mesmo cenas ou sessões avulsas entre parceiros no meio, todos precisam estar em sã consciência – logo o uso de bebidas é proibido ou muito raro em sessões; devem estar também seguros do que estão fazendo – é importante principalmente na parte do dominador/dominadora saber qual prática vai realizar no corpo do seu submisso, pois este deve

conhecer bem os limites do outro para saber a hora certa de parar e também ver onde vai fazer pois práticas mal feitas podem acarretar em sequelas ou marcas indesejadas no corpo do outro, por fim e mais importante é a consensualidade, todas as partes devem estar de acordo com o que será feito, em que elas concordam com tudo aquilo, podendo parar a qualquer momento a cena caso perceba que está saindo do que foi proposto/combinado.

Através de algumas definições básicas o discurso BDSM busca esclarecer que tipos de comportamentos estão em jogo quando se faz referência às atividades que ele representa. Para isso constrói-se a ideia de um conjunto de práticas de cunho sexual e consentidas entre os participantes. O consentimento é a noção mais elementar do BDSM. Ele limita o universo de que se fala, de forma que todas as considerações sobre modalidade de práticas e relacionamentos BDSM subentendem que são atividades consentidas. Ou seja, que não há violação nem abuso *reais* daqueles envolvidos. O consentimento separa o BDSM da criminalidade (ZILLI, 2007, p. 62)

É esta consensualidade que vai diferenciar o sadismo no BDSM para o sadismo nas obras do Marquês de Sade. Pois como podemos ver no primeiro temos um sadismo feito para que ambas as partes tenham prazer e gozo sexual de forma sadia e segura e no segundo vemos o prazer sexual em apenas uma parte, prazer este que é obtido através da dor e sofrimento não consensual do outro.

O BDSM na história

Como já falamos, as práticas sadomasoquistas sempre foram marginalizadas pela sociedade, logo chegar a um conceito histórico de como ele surgiu é muito difícil pois não se tem muitas obras literárias que o abordem. Os primeiros relatos sobre essas práticas vão surgir na revista London Life Magazine; ela continha textos e imagens fetichistas. Sua veiculação data de 1920 até o final da Segunda Guerra Mundial.

Porém vai ser apenas ao final da guerra, quando os soldados voltaram para suas casas, estes tinham relações homossexuais entre si. A partir dessas relações começaram a aparecer os grupos de motociclistas, tendo como o couro uma bandeira e o SM como prática sexual. Por isso é muito comum ver em quase todas as festas fetichistas uma certa preferência por roupas de couro, pois ele vai se tornar um símbolo importante entre essas pessoas.

No Brasil, estes grupos vão surgir a partir de algumas revistas e posteriormente com o avanço tecnológico, os grupos de bate papo online. Tendo sido o bar temático Valhalla¹ o primeiro local a ter/receber pessoas adeptas do BDSM no país. Pouco tempo depois o clube fechou, sendo reaberto em seguida – mas com outra proposta.

¹ O bar Valhalla surgiu em 2001 e foi considerado o primeiro local temático para o público fetichista. Era localizado na Rua Francisco Cruz, 583 na Vila Mariana, SP.

Depois do Valhalla veio o clube Dominna – que abriu as portas em 2003 na Rua Topázio, também em São Paulo, este manteve as portas abertas até 2010. Depois desses dois ambientes claramente fetichistas vieram outros bares, boates e festas dedicadas ao público sadomasoquista, tendo como principais polos de festividade as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

Grupo BDSM Ceará

Meus primeiros contatos com praticantes de BDSM se deram a partir de grupos nas redes sociais (principalmente *Facebook e WhatsApp*). É importante destacar aqui que meus primeiros contatos eram na maioria do sul e sudeste do país, onde os grupos de BDSM são mais presentes.

Conheci o grupo de BDSM do Ceará no final de 2014 e início de 2015. Este é organizado pela Dominatrix² Rainha Frágil. É válido colocar aqui que mesmo o grupo sendo majoritariamente de participantes da cidade de Fortaleza/CE pode-se perceber pessoas de vários outros estados.

A partir dele são promovidas festas e encontros entre os participantes locais e também as pessoas curiosas que estão iniciando no BDSM. Essas festas/encontros tinham como nome Profania e teve sua primeira edição em março de 2008³.



A foto acima representa o cartaz da segunda edição da festa e tinha como tema principal “Cabaret”, é interessante colocar aqui que nas edições que foram realizadas da festa – cada uma tinha um tema diferente e que as pessoas não precisavam ir com fantasias.

² Palavra que designa mulheres dominadoras no BDSM, podem ser chamadas também de Dommies ou Dominadoras.

³ Sobre esta festa foi produzida uma matéria em um jornal local, uma das poucas matérias que encontramos que mostra de forma correta o verdadeiro BDSM. A matéria pode ser acessada através do link: <http://www.overmundo.com.br/overblog/ta-doendo#-overblog-7423>

Jornalismo, fetiche e os limites do prazer no BDSM

Como dito antes, a ideia de escrever uma reportagem sobre BDSM surgiu a partir da falta de conteúdos jornalísticos sobre o tema, algo que me deixou bastante inquieto; pois vi ao longo das disciplinas que temas que chamem atenção devem ser estudados e posteriormente escritos a partir da ótica jornalística. Quando foi dada a opção de escolhermos um tema para produzir uma grande reportagem não pensei duas vezes em falar sobre sadomasoquismo, pois era a única oportunidade que tinha – visto que cadeiras de sexualidade e antropologia não são contempladas no curso.

Antes de iniciar as entrevistas e pesquisas mais aprofundadas foi realizada uma busca por matérias que falassem sobre o assunto, e para nossa surpresa não tinha quase nenhum material para auxílio, sendo os poucos escritos na área de sociologia e antropologia. A partir dessa pesquisa foi percebido o quão seria difícil abordar o tema na área de jornalismo, pois de certa forma não sabia como manusear a entrevista, quais perguntas fazer sem ser invasivo com os entrevistados, e principalmente, ter o máximo de cuidado possível para tentar passar uma boa imagem.

Como não podia colocar muitos entrevistados na reportagem por conta do limite de páginas e também a quantidade de fontes que deveria ter nele resolvi fazer entrevista com apenas quatro pessoas.

Sendo assim, obtive como resultado final neste trabalho uma grande reportagem dividida em cinco reportagens. Sendo três reportagens com dominadores, uma reportagem com uma submissa e a última foi uma resenha crítica do filme 50 tons de cinza.

A primeira reportagem foi realizada com Dom Red⁴, que hoje não faz mais parte do grupo do *WhatsApp*. Algo que me chamou bastante atenção durante o relato dele foi o fato de que o mesmo nunca se sentiu diferente ou doente por gostar de tais práticas, o que acontece com muitas pessoas ao entrarem no BDSM. Achar que o fato de gostarem de realizar essas práticas os tornam diferentes dos outros e assim doentes que precisam de tratamento. Como precisava de um foco central na entrevista questionei uma das práticas no BDSM em que Red mais gostava e conduzi toda a entrevista; sendo assim esta primeira reportagem teve como foco central uma pequena introdução de como ele entrou/conheceu o meio BDSM e em seguida partimos para perguntas mais específicas sobre as preferências dele no meio.

Nossa segunda entrevista foi com Lord MZ; por conta da grande quantidade de dados obtidos na conversa optamos por fazer no formato ping pong. Aqui destacamos como fator mais interessante na fala dele o modo em que teve início no BDSM, sendo ainda na infância, a partir de

⁴ Como forma de preservar as identidades dos entrevistados, optei por utilizar seus nick names do meio BDSM.

brincadeiras e gestos que já o indicava como fetichista. Diferente do primeiro entrevistado podemos perceber que este tinha pensamentos negativos no início, tinha medo de que suas fantasias e fetiches pudessem ferir terceiros e até ele mesmo, visto que suas primeiras práticas eram realizadas em seu próprio corpo.

Na terceira entrevista, conversamos com um dominador gay que não fazia mais parte do grupo. Para este demos um maior destaque porque diferente das outras pessoas ele não se importou ao ter seu nome verdadeiro utilizado durante a reportagem e o que nos chamou atenção também é que o mesmo mantém suas redes sociais com seu nome verídico e que em momento algum se sentiu diferente por gostar dessas práticas.

Por fim foi escrito uma resenha crítica sobre o filme 50 tons de cinza, onde buscamos mostrar os pontos positivos e negativos que o filme trouxe para a comunidade sadomasoquista no Brasil e como o BDSM foi de certa forma midiaticizado e romantizado.

Considerações finais

Foi possível chegar a uma série de conclusões a partir do presente trabalho. Em primeiro lugar destacamos aqui a dificuldade de se escrever sobre BDSM, pois é um tema um tanto delicado, onde seus praticantes têm medo de falar e assim se expor.

Em primeiro lugar pudemos entender a partir das leituras e entrevista que é errado colocar (ainda) o BDSM como uma doença patológica que precisa de tratamento e cura; podemos perceber que é bem diferente do que dizem, onde o prazer sexual através da dor é possível, pois como é dito nas festas – ali é uma cena onde os praticantes estão encenando papéis sexuais.

Percebe-se também que a internet tem ajudado bastante na divulgação de encontros, festas e grupos do tema, onde é possível entrar em redes de relacionamento a partir dessas tecnologias digitais, outro ponto importante é que esses meios vão possibilitar ao internauta esses temas o que faz com que essas pessoas não tenham mais a sensação de se considerar doentes e que precisam de tratamento.

Chegamos à conclusão final que temas como este devem ser mais estudados pela academia para que assim possamos quebrar padrões normatizados pela sociedade, poder desmistificar as práticas através das falas dos personagens e de textos acadêmicos.

Agradecimentos

São tantas pessoas que gostaria de agradecer que acabo esquecendo nomes. Gostaria de expressar o meu mais sincero carinho pela professora Kywza que aceitou este trabalho, mesmo sendo um tema “diferente” e que não se encaixasse muito na disciplina ministrada.

Em seguida gostaria de agradecer especialmente a todos que me acolheram no grupo de BDSM CE, aos quais foram fundamentais para este trabalho; em especial Rainha Frágil, Lord MZ, Dom Red, Ruby, Shalla, e todos os outros que de alguma forma contribuíram para este trabalho.

Referências

AUGUSTA, Núria; MONTEIRO, Venâncio. Dor no corpo e prazer na alma: A construção do significado e da identidade no BDSM. VII Congresso Português de Sociologia. 19 a 22 de junho, Universidade do Porto – Faculdade de Letras – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. A meia-lus: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculino. Tese (doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2010.

FREITAS, Fátima Regina Almeida de. Sexualidades: prazeres, poderes e redes sociais. In II Seminário de Pesquisa de Faculdade de Ciências Sociais. 3 e 4 de novembro de 2011, Faculdade de Ciências Sociais, Goiânia, Goiás

SILVA, Marcelle Jacinto da Silva. Jogos de inversão, jogos de poder: corpos subversivos em contexto sado-fetichista. In Revista Áskesis, v. 4, n. 1, janeiro-junho, 2015, p. 74-88.

ZILLI, Bruno Dellacort. O consentimento no discurso de legitimação no BDSM: sentimentos ou livre-arbitrio?. In 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. 01-04 de junho, Porto Seguro.

